



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TRAJETÓRIAS E PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Lady Christina de Almeida

*Mestre em Ciências Sociais, PUC-Rio.
Pesquisadora do NIREMA/PUC-Rio
Email: ladyebano@yahoo.com.br*

O presente texto propõe reflexões sobre trajetórias de intelectuais/ativistas negras no Rio de Janeiro e em São Paulo, levando em conta o percurso, a inserção e atuação dessas mulheres nas organizações: Geledés/SP e Criola/RJ¹. Esse trabalho apresenta percepções de algumas ativistas negras, entrevistadas nos anos 2009 e 2010, sobre o caminho trilhado por elas, denominado “protagonismo” por algumas entrevistadas. A intenção foi não entrevistar somente as ativistas das organizações, buscando ouvir algumas que haviam se afastado, e outras que nunca fizeram parte de tais organizações para ter um olhar mais amplo e crítico, totalizando 11 entrevistas. É importante mencionar que os nomes das ativistas entrevistadas utilizados aqui são fictícios, preservando suas identidades.

As organizações Geledés e Criola apareceram na pesquisa como um grupo não homogêneo, são organizações plurais e heterogêneas. A estrutura organizativa é distinta, as ativistas possuem história, experiências e formações diversas. O artigo pretende analisar a constituição dessas duas organizações e as trajetórias de suas intelectuais/ativistas.

Um breve panorama da constituição das organizações: Geledés e Criola

A criação de Geledés foi precedida de várias iniciativas políticas de mulheres negras de São Paulo no início da década de 80. Como já mencionado anteriormente, algumas dessas mulheres participaram no Conselho Estadual da Condição Feminina, e posteriormente no Coletivo de Mulheres Negras, ambos em São Paulo, até fundarem

¹ Neste artigo, utilizo parte do material empírico extraído na pesquisa da minha dissertação de mestrado, intitulada: "Trilhando seu próprio caminho" - Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras: a experiência das organizações Geledés/SP e Criola/RJ. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Geledés em 1988. Segundo Edna Roland, a passagem pelo Conselho Estadual da Condição Feminina e no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher proporcionou aprendizado às fundadoras do Geledés.

Nós tínhamos aprendido certas coisas. Primeiro tínhamos aprendido algumas práticas administrativas: como é que você organiza uma instituição, comissões, grupos de trabalho... Segundo, tínhamos entrado em contato com algumas agências financiadoras.²

A narrativa acima revela a atuação produtiva que as ativistas fundadoras do Geledés tiveram em coletivos e conselhos institucionais, propiciando primeiros contatos com agências financiadoras, elemento fundamental para consolidação das ONGs.

Criola surge em 1992, a partir de um grupo de mulheres que atuava no CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas³, localizado no Rio de Janeiro. Juntamente com outras mulheres atuantes em outras esferas. Segundo a entrevistada Graça, a insatisfação das mulheres no CEAP tornou-se uma constante, até que decidiram deixar a Ong e formalizar Criola.

A gente sentia naquela época a necessidade de criar uma organização. Inicialmente, o projeto de Criola compreendia uma casa para mulheres negras, onde elas poderiam discutir saúde, sexualidade, teria um centro de documentação⁴.

Segundo a narrativa acima da entrevistada Graça, Criola surge sem pretensões grandiosas, mas com uma necessidade de criar e consolidar uma organização propriamente de mulheres negras.

Um dos pontos em comum entre as duas organizações é o fato das ativistas fundadoras serem oriundas de outras organizações e/ou coletivos. Mulheres que tinham experimentado participação em outros grupos organizados. Segundo relatos das entrevistas, algumas fundadoras do Geledés atuaram em conselhos, comissões com

² Depoimento de Edna Roland sobre o início e sua passagem no Geledés. Ver: Alberti e Pereira (2007:283).

³ CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, vinculação partidária ou religiosa. Foi fundada no Rio de Janeiro, em 1989, por ex-internos da extinta Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) com a ajuda de representantes da comunidade negra e do movimento de mulheres. Ver <http://www.portalceap.org/quem-somos> - acesso em 20 de maio de 2011.

⁴ Trecho da entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante da Criola. Entrevista realizada pela autora em 10 de março de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

vínculos governamentais, e/ou participaram de movimentos sociais ou partidos políticos. E a maioria das fundadoras de Criola atuou no Programa de Mulheres do CEAP, e/ou trabalhavam em outras áreas, como professoras, assistentes sociais. Além disso, algumas das fundadoras participaram anteriormente em movimentos sociais, partidos políticos, e/ou em entidades negras como IPCN – Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Este instituto foi apontado por algumas ativistas entrevistadas como uma importante “escola de atuação política”. Segundo relatos das entrevistadas, boa parte dos ativistas do movimento negro participou do IPCN.

Ambas as organizações ampliaram suas áreas de atuação. Geledés inicia sua atuação estruturada em três Programas: Saúde, Direitos Humanos e Comunicação. Atualmente, Geledés atua nas seguintes áreas: Direitos Humanos, Comunicação, Educação, Mercado de Trabalho, Questões Raciais e de Gênero. É possível perceber um aumento nas áreas de atuação do Geledés. Por outro lado, Criola atuou anteriormente nas áreas de Formação e Informação, Saúde, Violência, Cultura e Direitos. Atualmente, as áreas de atuação de Criola são: Saúde da Mulher Negra e da População Negra; Direitos Humanos; Ação Política e Articulações; Multiversidade Criola; Monitoramento e Avaliação; Comunicação⁵.

A década de 90 foi marcada pelo aumento de espaços de formulação política e de participação das organizações da sociedade civil em Conferências Internacionais. A Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995, incentivou a construção de negociações entre o movimento social e as esferas governamentais. Na década de 90 foram criados espaços de formulação política. Em 1996 foi instituído o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI) e o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) – o II PNDH foi instalado em 2002 – e em 1997 foi criado o Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação (GTDEO)⁶.

O ciclo de conferências da ONU realizado ao longo da década de 90 contou com a participação dos movimentos sociais, possibilitando mudanças na agenda política nas

⁵ Ver Roland. In: Guimarães e Huntley (2000); sites: www.geledes.org.br e www.criola.org.br. Acesso em 21 de setembro de 2010.

⁶ Ver Ribeiro (2008:993).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

áreas de direitos humanos, meio ambiente, desenvolvimentos sustentável, políticas de gênero, raça, etc. Essas mudanças contemplaram todos os países, mas especialmente os periféricos. As conferências internacionais foram antecedidas por uma série de assembléias e comitês preparatórios, a fim de organizar programas e uma agenda em torno dos objetivos das conferências⁷. Não vem ao caso descrever o contexto em que ocorreu cada uma das conferências mundiais, o que fugiria ao interesse do presente texto. Mas é importante atentar para à III Conferência Mundial Contra O Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia, e Formas Correlatas de Intolerância realizada em 2001, na África do Sul, por conta da atuação contundente das mulheres negras.

A organização e a articulação política das mulheres negras nas conferências mundiais se fizeram presentes ao longo da década de 90. Porém, a partir da preparação para a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, no Cairo, as mulheres negras emergiram de forma mais incisiva e organizada. Por iniciativa do Geledés – Instituto da Mulher Negra, em 1993, realizou-se o Seminário Nacional Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras. Deste evento participaram 55 lideranças pertencentes a organizações de mulheres negras, organizações feministas, universidades, serviços de saúde, parlamento, etc... Do seminário resultou o documento que constitui um marco do movimento de mulheres negras brasileiras: a Declaração de Itapeçerica da Serra. Esse documento definiu as posições das mulheres negras em relação a uma série de questões. Por exemplo, considerava fundamental garantir os direitos de cidadania, a existência de políticas públicas de emprego, saúde saneamento básico, educação, habitação. As mulheres negras definiram nesse documento que a liberdade reprodutiva é essencial para as etnias discriminadas, reivindicando do Estado às condições necessárias para que possam exercer sua sexualidade e seus direitos reprodutivos, controlando sua própria fecundidade (Roland, 2000: 245-246).

A autora revela que as mulheres negras tiveram também “*grande visibilidade*” no processo de preparação para IV Conferência Mundial da Mulher, realizada em Beijing/China em 1995, estando presentes nos fóruns realizados em todos os Estados. Na visão de Roland (2000), as mulheres negras perceberam mais rapidamente a

⁷ Ver Santos (2005); Ribeiro (2008).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

importância estratégica de participar das Conferências da ONU, sem abrir mão das redes nacionais de organizações de mulheres negras. Devido à intensa participação das mulheres negras nesse processo, a temática racial foi incorporada na Declaração das Mulheres Brasileiras para a Conferência de Beijing em 1995.

Essa atuação motivou o governo brasileiro a acatar a posição sustentada pelas mulheres negras e por suas aliadas brancas, relativa ao reconhecimento da discriminação racial como um problema crucial, que atinge mulheres de todo o mundo. Isto se deve à estratégia utilizada pelas mulheres negras no processo de preparação da conferência de Beijing, seja marcando presença nos fóruns nos Estados brasileiros, seja expondo suas políticas ao Estado que se viu bastante pressionado (Roland, 2000: 249).

Segundo Ribeiro (2009), a partir da década de 90 verifica-se que “os protagonismos de grupos tornados invisíveis” entraram para a agenda política mundial. Contudo, na medida em que os protagonismos são conquistados, aprofundam-se as complexidades, as dificuldades organizativas e teóricas⁸. Nessa perspectiva, o feminismo passou por um processo de reformulações, conflitos e conquistas. Como bem salientou Sueli Carneiro⁹, o enegrecimento do movimento feminista e a ampliação do *protagonismo* das mulheres negras constituíram um aspecto altamente positivo.

Acho que o protagonismo das mulheres negras é um dos maiores avanços dos últimos anos de movimento social, nós temos muitos nomes fortes, muitas mulheres negras como referência nacional, nós temos políticas, nós temos representações em vários conselhos, secretarias¹⁰.

A citação acima aponta para a crescente representação política que as mulheres negras vêm conquistando nos conselhos e secretarias de governos estaduais, municipais e federais, e em cargos políticos. Algumas entrevistadas ocupam, ou ocuparam funções em secretarias e/ou conselhos nas áreas da saúde, direitos humanos, da mulher, entre outras.

A maior parte das ativistas entrevistadas exerce representação e articulação política, função de execução e coordenação de projetos, captação de recursos,

⁸ Ribeiro (2009:11).

⁹ Carneiro (2003).

¹⁰ Trecho da entrevista de Fátima, membro do conselho diretor, e coordenadora de projetos do Geledés. Entrevista realizada pela autora em 08 de julho de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

responsabilidades de gestão e produção teórica. Nesse sentido, elas desempenham ações que conjugam produção intelectual e engajamento político. Como bem salientou Collins (2000), a junção entre ação e teoria marca o pensamento das mulheres negras.

As narrativas de nossas interlocutoras nos conduzem a heterogeneidades, apesar de percebemos algumas similaridades em suas trajetórias de vida, isto é, alguns pontos em comum. Há uma tendência em essencializar grupos identitários, provocando uma supressão da alteridade. Contudo, as mulheres negras, como também suas organizações não podem ser pensadas como homogêneas e coesas. As mulheres negras possuem origens, experiências, opiniões e concepções diferenciadas.

No interior das organizações de mulheres negras habitam subjetividades, tensões e conflitos, ou seja, há heterogeneidades, experiências e trajetórias plurais, maneiras de ver o mundo, opiniões e concepções diferentes acerca da realidade, mas que encontram um ponto em comum.

No tocante à origem das entrevistadas, há pontos similares, como o fato de serem de famílias menos abastadas economicamente e de terem sido criadas em bairros pobres e populares. A maioria das ativistas entrevistadas possui famílias extensas, numerosas, com vários irmãos. Somente uma das entrevistadas tinha família pequena, pois se tornou filha única com a morte prematura dos irmãos, vítimas de doenças como sarampo e diarreia, e outro irmão que foi assassinado.

É inegável que a maioria das entrevistadas passou por uma ascensão social. Há algumas similaridades em suas trajetórias, especialmente o fato de terem sido pioneiras em suas famílias no acesso ao curso superior.

As fundadoras das organizações passaram por diversas instâncias coletivas e movimentos sociais: negro, feminista, estudantil, partido político, sindicato, associação de bairros, entre outros. Essa heterogeneidade seria vista por alguns como um atributo valorativo ao movimento e simultaneamente importaria algumas dificuldades. As diferentes trajetórias imprimiriam pontos de vista diferenciados às hierarquias de gênero, raça e classe que se importavam sobre as mulheres (Santos, 2004:85).

É necessário questionar a homogeneidade do termo “mulher negra”. Suas histórias, apesar das semelhanças, são diversas. Não devemos continuar com afirmações absolutas acerca das mulheres negras, pois suas identidades são múltiplas e mutáveis. Isto, portanto, contrapõe a perspectiva homogênea. Como bem salientou Julia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Sudbury¹¹, as mulheres negras têm “*outros tipos de sonhos*”. Suas identidades não são limitadas nem absolutistas.

Para as ativistas entrevistadas, a atuação política e a produção intelectual são moldadas por suas próprias experiências. Como bem apontou Conceição Evaristo (2005), toda sua escrita perpassa pela sua vivência no mundo, que dialoga com a história e a experiência das mulheres negras. A escritora e poetisa brasileira denomina sua literatura de *escre(vivência)*. O conceito “*escrevivência*” criado por Evaristo implica em escrever a existência, o que constitui o acúmulo de tudo que a escritora ouviu, viu e viveu desde a infância.

Na *escre(vivência)* das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas¹².

A educação como um projeto familiar

A educação emerge na maioria das narrativas como um projeto familiar, ou seja, é muito forte o discurso valorativo acerca da educação e da instrução estimulado pelos familiares. A educação é apontada como um caminho imprescindível para ser bem sucedido, para alcançar ascensão social e emancipação.

A geração anterior a minha era analfabeta, mas meus familiares sempre prezaram o estudo. Meu pai dizia que a única coisa que ele podia nos dar era o valor da educação. Todos os meus irmãos são formados. Uma irmã é pedagoga, meu irmão mais velho é contabilista e trabalha no Tribunal de Justiça, outra fez Matemática e trabalha na Eletronuclear e a outra fez Serviço Social e trabalha na Prefeitura. Meu irmão só foi fazer a faculdade depois que todas nós estávamos fazendo as nossas. Eu e meu irmão éramos o arrimo de nossa família. (...) Nós demos um salto enorme na nossa família, de analfabetos para graduados. Tudo isso, graças ao incentivo que tivemos¹³.

A tarefa de assegurar educação adequada aos filhos torna-se um ato profundamente político, um projeto da família que desafia uma classificação social que assume os negros como incapacitados. Como o estudo se apresenta como algo tão distante para a geração anterior às nossas entrevistadas, a educação torna-se um valor honroso, algo fundamental que é apontado e estimulado por seus familiares. Em algumas falas a educação aparece como uma obrigação que não pode ser abandonada.

¹¹ Ver Sudbury (2003:26).

¹² Evaristo. (2005: 54).

¹³ Trecho da entrevista de Creuza, coordenadora de projetos da Criola. Entrevista realizada pela autora em 11 de agosto de 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Existiam duas figuras que meus pais sempre me mostravam, se existia alguma notícia de Ângela Davis e Leci Brandão, eles mostravam. Ângela Davis, porque era Ângela Davis, e Leci Brandão, sempre que ela aparecia, diziam: ela estudou. Eu detestava estudar e sou a pessoa de minha família que mais anos estudou. Eu tive muita pressão, foi a força da pressão que não para nunca mais¹⁴.

A educação torna-se um dos poucos caminhos para conquistar respeito, dignidade e ascensão social. Se a educação torna-se um projeto familiar, este deve ser levado até o fim, com muita dedicação. E as lideranças entrevistadas fizeram essa travessia.

Todas as entrevistadas possuem curso universitário completo. Do total de 11 entrevistadas, três são Doutoradas e duas estão finalizando o Doutorado. A pós-graduação é algo almejado pelas entrevistadas, um objetivo a ser conquistado. Apenas uma entrevistada revelou não ter pretensão de realizar pós-graduação, alegando que este espaço nunca lhe atraiu, e que já está com 60 anos de idade e que o que mais gosta de fazer é articulação política.

Ao atentarmos para o grau de instrução das lideranças entrevistadas e de seus pais percebemos um grande salto educacional em relação à geração anterior. Segundo suas narrativas, seus pais obtiveram no máximo o primário completo, diferentemente de suas filhas, que fizeram não só a graduação, mas em alguns casos também a pós-graduação.

A educação surge nas narrativas das entrevistadas como um bem precioso, um caminho para adquirir admiração e sucesso profissional. A educação surge como um projeto familiar de ascensão social; e o desejo familiar transmitido às ativistas transformou-se em algo maior que a vontade, em uma necessidade. A educação foi apontada como um caminho possível para superar barreiras sociais prescritas historicamente, para buscar ascensão social e conquistar um futuro melhor que o de seus pais, proporcionando às famílias uma vida mais estável e tranqüila.

A inserção política: semelhanças e diferenças

¹⁴ Trecho da entrevista com Ana, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela autora em 17 de julho de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As mulheres negras, como antigas personagens no cenário político brasileiro, têm sido, de fato, propositivas na construção de novas cenas.

(Matilde Ribeiro)

Algumas entrevistadas, particularmente as mais maduras, que se encontram na faixa dos 60 anos, iniciaram sua experiência política a partir da década de 70. Algumas começaram no movimento estudantil, outras no movimento sindicalista, negro ou feminista. Posteriormente, três das entrevistadas ingressaram em partidos políticos, como é o caso da Elza, que atuou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT), de Barbara, que é filiada ao PT até hoje, e de Graça, que atuou no movimento de mulheres no PT.

É claro que existe toda uma trajetória anterior, antes eu estava no movimento partidário, sindical, movimento de mulheres do PT, movimento feminista. Então, na verdade, eu sou uma formação de todos esses movimentos¹⁵.

O que fica perceptível nas narrativas é que as ativistas entrevistadas foram formadas pela passagem por vários movimentos (estudantil, sindicalista, feminista, negro, partido político), além de organizações religiosas, culturais e de mulheres negras. A passagem e atuação em diversas entidades e movimentos devem ser pensadas numa dimensão multiplicadora.

As trajetórias políticas das lideranças entrevistadas podem ser consideradas múltiplas, por circularem em vários movimentos e organizações. Isto tende a confirmar a idéia de que as são identidades múltiplas e mutáveis. Cada uma dessas lideranças possui singularidades, porém, todas participam de uma luta comum. Assim, retomamos a concepção de multidão¹⁶ de Hardt e Negri, na qual o sujeito é percebido como sendo composto do singular e do plural ao mesmo tempo (Hardt e Negri, 2005:188-189). Nesse sentido, as organizações pesquisadas, Geledés e Criola, são compostas de inúmeras mulheres negras, diferentes uma das outras, com histórias de vida e trajetórias distintas, mas que se comunicam, colaboram e agem em comum.

Tanto a Geledés quanto a Criola são organizações institucionalizadas, constituídas por mulheres oriundas de diferentes formas de militância, contudo, essas

¹⁵ Trecho da entrevista com Graça. Fundadora, ex-integrante de Criola. Entrevista realizada pela autora, em 10 de março de 2010.

¹⁶ Multidão é legião, ela é composta de inúmeros elementos que se mantêm diferentes uns dos outros, e ainda assim se comunicam, colaboram e agem em comum. Hardt e Negri (2005:188-189).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mulheres heterogêneas foram unidas por opressões raciais, de gênero, de classe e pela vontade de criar um espaço de afirmação e representação política, onde elas pudessem exercer o protagonismo político. Em outras palavras, as organizações pesquisadas pretendem representar as necessidades, os interesses e anseios das mulheres negras, que experimentam formas multiplicativas de discriminação e de desigualdades, combatendo o racismo, o sexismo e a lesbiofobia.

As ativistas entrevistadas apontaram alguns intelectuais, escritores e ativistas que influenciaram suas trajetórias. As influências são variadas, desde personalidades como Abdias Nascimento, Nelson Mandela a escritores, como Lima Barreto, Machado de Assis, Cruz e Souza. As escritoras brasileiras mais mencionadas foram Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Contudo, é possível encontrar uma referência comum, Lélia Gonzalez é sempre lembrada como intelectual/ativista aguerrida na luta antirracista e antisexistista. As escritoras norte-americanas, bell hooks, Ângela Davis, Patrícia Hill Collins e Alice Walker também foram frequentemente mencionadas. Na lista de intelectuais e/ou ativistas brasileiras que influenciaram suas trajetórias, foram incluídas ainda personalidades contemporâneas, como Sueli Carneiro, e Luiza Bairros que atualmente é Ministra da SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial¹⁷. Vale destacar que as referências mencionadas são majoritariamente formadas por negros e negras. Isso demonstra o lastro do trabalho intelectual e da atuação políticas da população negra brasileira.

Outro dado importante, é que a maioria das entrevistadas apontou mulheres de suas famílias, como mães, tias, avós como grandes lideranças e incentivadoras que marcaram profundamente sua vida. “*Na minha trajetória, por exemplo, meus pais me ensinaram a prática da crítica*”¹⁸.

Sou filha de uma mulher (...) você sabe que no Rio existem mulheres que são chamadas de Dona, como Dona Ivone Lara, Dona Neuma ou tias. Minha mãe era uma mulher, aos 35 anos, já chamada de Dona. Nós morávamos no pé do morro, no Lins de Vasconcelos. Ela foi uma mulher que, sem apoio de homens ou da religião, era a Dona. Isso dava a ela um poder agregador muito

¹⁷ Em janeiro de 2011, Luiza Bairros assume o cargo de Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) do governo Dilma Roussef.

¹⁸ Trecho da entrevista com Ana, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela autora em 17 de julho de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

grande¹⁹.

Na maior parte das narrativas, a família é fortemente destacada como elemento fundamental na formação das entrevistadas. Além disso, muitas entrevistadas fizeram questão de citarem mulheres que atuaram e atuam fortemente em suas comunidades ou bairros, como Obassy²⁰, poetisa, compositora e sambista, líder cultural do bairro Cidade de Deus no Rio de Janeiro; e também Mãe Beata de Yemonjá²¹, liderança religiosa do Candomblé no Rio de Janeiro. Nos sites da Criola e da Geledés há destaque para homens negros e mulheres negras da história brasileira, em uma homenagem a personagens e lideranças que construíram e constroem nossa história.

As ativistas entrevistadas mencionaram também quanto os movimentos, as organizações e as próprias companheiras foram fundamentais em suas trajetórias, pois nesses espaços e com essas pessoas elas trocavam experiências e saberes, aprendiam e ensinavam mutuamente. “*Na verdade, nós nos formamos juntas, no conjunto, na discussão, no movimento*”²². As intelectuais/ativistas revelam que a formação conjunta foi muito rica e positiva e não deve ser desprezada. As organizações autônomas foram apontadas como um espaço rico e multiplicador de conhecimentos e de grande aprendizagem.

Quanto à representação política das feministas negras, a Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) tem sido apontada como um grande exemplo. A AMNB foi resultado da iniciativa e do protagonismo das mulheres negras no processo Pró-Conferência Durban, como mencionado anteriormente. A entrevistada Elza considera essa articulação um marco, cujos frutos vêm sendo colhidos atualmente. A ativista cita a introdução, especialmente do eixo 9²³, realizada pela articulação de

¹⁹ Trecho da entrevista com Graça, fundadora, ex-integrante de Criola, realizada em 10 de março de 2010.

²⁰ Obassy é Celita Vieira de Abreu iyalarixá do Ilê Ibailekô, foi membro da ala de compositores da Unidos de Jacarepaguá da Cidade de Deus, Rio de Janeiro. Ver site: criola.org.com.br, acesso em 10/08/2010.

²¹ Mãe Beata de Yemonjá nasceu na Bahia. É ilarorixá em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, iniciada pela ialorixá Olga de Alaketu. A escritora publicou seu livro *Caroço de Dendê* pela Editora Pallas, RJ. É fundadora e coordenadora do Instituto de Desenvolvimento Cultural de Nova Iguaçu/RJ. Ver: Werneck. (2002:16-19).

²² Trecho da entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante da Criola. Entrevista realizada em 10 de março de 2010.

²³ A inclusão do eixo 9 no Plano Nacional foi resultado do documento apresentado pela AMNB e de sua atuação na III Conferência Mundial de Durban, em 2001. O conteúdo desse capítulo 9 apresenta a necessidade urgente de assegurar a incorporação da perspectiva de raça/etnia e a orientação sexual nas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ONGs de Mulheres Negras, como uma conquista das organizações de mulheres negras. “A AMNB busca intervir e incluir questões específicas em todas as áreas possíveis, como: previdência social, economia, etc... E nós estamos conseguindo fazer isso²⁴”.

É importante ressaltar que esses trajetos vêm sendo trilhados por meio de muitos diálogos, confrontos, rompimentos e negociações. Esse processo de acordos e desacordos faz parte da arena política, e não tem fim.

As intelectuais/ativistas negras, através de suas organizações se expressam, emitem suas próprias opiniões e visões de mundo por meio da produção intelectual e ação política. Entretanto, esse caminho vem sendo trilhado há tempos. Como bem salientou Jurema Werneck (2002), “São traços, sinais, idéias e passos que, sim, vêm de muito longe²⁵”. Ou seja, muitas outras mulheres negras deram início a esse caminho, que as de hoje estão dando prosseguimento, e mais adiante outras mulheres negras continuarão a trilhar.

Diante desse cenário, a constituição e consolidação das organizações de mulheres negras não apagam as outras organizações, movimentos, outras lutas e histórias antecessoras, mas sugere uma maior visibilidade das mulheres negras como sujeitos políticos, traçando uma inscrição de si mesmas. Esse trabalho, modestamente, busca suscitar mais interesse sobre a história e o processo emancipatório protagonizado pelas mulheres negras brasileiras.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo (orgs). **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

ALMEIDA, Lady Christina de. "**Trilhando seu próprio caminho**" - **Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras: a experiência das organizações Geledés/SP e Criola/RJ**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio, 2010.

políticas públicas direcionadas às mulheres. Conheça o documento no site: http://200.130.7.5/spmu/docs/livreto_mulher.pdf.

²⁴ Entrevista da Elza, fundadora e membro do conselho diretor do Geledés, realizada em 04 de maio de 2010.

²⁵ Ver Werneck, (2002: 9).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ALVAREZ, Sônia E. , DAGNINO, Evelina, e ESCOBAR, Arturo. Organizadores – **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras.** Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2000.

BAIROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados.** Revista Estudos feministas. nº2\95. vol.3. 1995.

_____. **Lembrando Lélia Gonzáles. In: O livro da saúde das mulheres negras.** WERNECK, Jurema (org.) Rio de Janeiro: Pallas-Criola, 2000.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento.** Estudos Avançados 17 (49) 2003.

_____. **Identidade Feminina.** In. Cadernos Geledés. Nº4, 1993.

_____. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003.

_____. **A batalha de Durban.** Rev. Estu. Fem. Vol. 10, nº1. Florianópolis, Janeiro 2002.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, and the politics of empowerment.** 2ª edição. Séries Perspectivas on gender, 2000.

CONTINS, Márcia. **Lideranças Negras.** Rio de Janeiro, Aeroplano, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Da representação auto-representação da mulher negra na literatura brasileira.** Revista Palmares. Cultura Afrobrasileira. Ano I, nº I – agosto, 2005, ISSN 108 7280.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: SILVA, Luis Augusto. ANPOCS, 1983. (ciências sociais hoje, nº 2).

_____. **Mulher Negra. In: Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente.** Nascimento (Org). São Paulo: Selo Negro, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.

HARDT, Michael e NEGRI Antônio. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império.** Tradução de Clóvis Marques. Revisão Técnica de Giuseppe Cocco. Editora Record. RJ. SP 2005.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras.** Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol. 3. 1995.

LEMOS, Rosália de Oliveira. **Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997.

MOREIRA, Núbia Regina. **Representação e identidade no feminismo negro brasileiro.** Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Agosto de 2006 na UFSC. 2006.

_____. **O Feminismo Negro Brasileiro. Um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** SP, Summus, 2003.

_____. (org). **Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente.** São Paulo: Selo Negro, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing.** Revistas Estudos feministas. Vol. 3, nº2, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. **O feminismo em novas rotas e visões.** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

_____. **Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização.** *Rev. Estud. Fem.* [online]., vol.16, n.3, pp. 987-1004. 2008.

_____. **Análises e propostas: as políticas de igualdade racial no Brasil.** Fundação Friedrich Ebert Stiftung - (FES). Nº35, abril de 2009.

_____. **Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política.** Site: empreende.org.br/artigoprogramas.html. Acesso em 15 de maio 2011.

ROLAND, Edna. **O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas.** In: HUNTLEY, Lyn e GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Marcio André de Oliveira. **A persistência política dos movimentos negros brasileiros: processo de mobilização à 3ª Conferência Mundial das Nações unidas contra o Racismo.** Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; RJ. 2005.

SILVA, Joselina da. **Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.** Artigo apresentado no XXV Congresso de Sociologia (ALAS) – Grupo: Gênero, Desigualdades e Cidadania, Porto Alegre, 22 a 25 de agosto de 2005.

_____. **Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós 1945.** Revista da ABPN. V.1, Nº1, mar-jun de 2010, p. 28-38.

SUDBURY, Júlia. **Outros tipos de sonhos: organizações de mulheres negras e políticas de transformação.** Ed. Selo Negro. Summus, SP. 2003.

WERNECK, Jurema. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** (org.) Jurema Werneck, Maisa Mendonça, Evelyn C. White; (tradução) Maisa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília Macdowell dos Santos, 2ª edição. RJ. Ed. Pallas/Criola, 2002.

_____. **O samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e cultura midiática.** Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de Mulheres Negras e Estratégias Políticas contra o sexismo e o racismo.** Revista da ABPN. V.1, N.1, mar-jun de 2010.

_____. **Mulheres negras brasileiras e os resultados de Durban.** In. Caminhos Convergentes: Estado e Sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Organizadoras: Marilene de Paula e Rosana Heringer. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009.